

MÍLTON RIBEIRO DANTAS
Professor-titular da UFRN

DIA DOS MÉDICOS
HIPÓCRATES - SÃO LUCAS - CRISE ATUAL

Conferência pronunciada no dia 18 de outubro de 1983, às 20 horas, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, sob os auspícios, também, do Conselho Regional de Medicina e do Sindicato Médico do Rio Grande do Norte.

NATAL - RN

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

MILTON RIBEIRO DANTAS
CRM-RN 04
Av. Campos Sales, 615 - Tirol
CEP 59.000 - Natal-RN
Tel.: (084) 222-3350

Encontramo-nos, neste momento, diante de todos vocês, cheio de contentamento, de satisfação e de imenso júbilo. Não é que sejamos merecedor da escolha que fizeram os promotores desta festa. Nada disso. O que vislumbramos nesse convite é a homenagem de que somos alvo como um dos representantes de um segmento da classe médica de que fazemos parte. Não importa a voluntária aposentadoria e a cessação das atividades profissionais da medicina clínica especializada: médico é como padre que, mesmo abandonando o sacerdócio, continua padre, a despeito de ter esquecido o celibato anti-fisiológico e optado, ainda que tardiamente, por uma companheira. Assim é o médico: permanecerá, ou não, lhor, estará médico até morrer...

Não somos nós que estamos exultando de alegria, é uma parcela da classe que se vê lembrada, numa inequívoca demonstração de reconhecimento pelo que ela fez de útil à sociedade em que convivemos.

Convidaram-nos a proferir algumas palavras que tenham o condão de exaltar o valor do médico e da medicina, relembrar nosso pai - o inesquecível Hipócrates e, notadamente, tecer oportunas considerações sobre o patrono, o padroeiro, o defensor e protetor fidelíssimo dos médicos, portanto de todos os colegas do mundo cristão, seguidores maiores dos seus princípios, além de trazer à tona, nestes tempos cruciais em que vivemos, tudo aquilo que possa ser agilizadno sentido de serem tentadas soluções para os males que nos afligem.

Se, de fato, entendemos ter sido nossa escolha pouco ou nada feliz, por outro lado compreendemos a boa intenção dos promotores desta festa, que tiveram por escopo maior o ensejo de reuniro máximo de colegas, em confraternização, aproveitando nossa data magna que é o DIA DOS MÉDICOS, quando celebramos, com especial respeito e devoção, a figura admirável desse nosso colega que se tornou santo. São Lucas, como todos sabemos, foi o único exemplar colaborador do apóstolo São Paulo. É um dos quatro evangelistas constantemente citado na Bíblia Sagrada. Segundo a tradição, era, também, pintor, tendo redigido, provavelmente entre os anos 61 a 63, a história das origens cristãs constituída pelo conjunto do 3º Evangelho-Atos dos Apóstolos. Muito culto e probo, escreveu São Lucas sempre em linguagem de grande apuro, embora - há quem diga - com algumas imperfeições, interpretadas pela sua fidelidade às fontes de que usou.

Eis o motivo por que hoje, 18 de outubro, dia consagrado a sua festa litúrgica, esta data, há muito escolhida para comemorar o DIA DOS MÉDICOS, tem que ser e deve ser muito grata a todos nós.

É, pois, com a maior devoção que os médicos northeriograndenses e os de todo o mundo cristão celebram seu dia nesta data, como prova insofismável de respeito para com seu ínclito colega.

É uma tradição que acompanhamos e prestigiamos desde épocas remotas, na certeza de que nenhum outro melhor do que o evangelista Lucas, nosso santo protetor, poderia assumir responsabilidade tão imensa como a de amparar, de proteger, de prestigiar e, sobretudo, de nos proporcionar forças, engenho e arte capazes de solucionar, dentro, evidentemente, de nossas possibilidades científicas e técnicas, mas sempre ajudados pela vontade suprema do Criador.

E agora, meus estimados colegas, prestemos, também, nossa homenagem ao PAI DA MEDICINA, àquele que nos legou - aos médicos do passado, do presente e do futuro - o famoso e magistral juramento que todos fazemos ao receber nosso grau. Hipócrates, nascido na ilha de Cós, no ano 450 antes de Cristo, exatamente no primeiro ano da 80ª Olimpíada, segundo o calendário grego, contava com cerca de quarenta médicos na sua ascendência, muitos dos quais seus homônimos. É impossível afirmar, com absoluta segurança, qual deles foi, realmente, o PAI DA MEDICINA. A história, porém nos revela que ele foi um iluminado.

Vale a pena citar - o profético pensamento de Hipócrates, que reconhecia: "Cada coisa é humana e cada coisa é divina. Deste modo, não existe coisa que se chame verdade moderna ou erro moderno, ignorância ou sabedoria antiga. Só há uma verdade, imutável no correr das idades, uma verdade que está na base de toda a medicina, que é tão humana que parece divina e que, na sua finalidade, está cada vez mais impregnada pelo espírito da solidariedade humana".

São as múltiplas facetas dessa única verdade que o homem vai revelando, a cada passo, na sua milenar ascensão rumo ao saber.

Por isso, a história da medicina é que nos fornece o testemunho de cada passo desse contínuo caminhar, exigindo de todos nós que não desprezemos nunca a verdadeira história da nossa profissão.

Não podemos nem devemos restringir nossa atenção para o progresso dos tempos modernos. Jamais poderemos separar o passado do presente e o presente do futuro, não só para que tenhamos oportunidades de render homenagem aos nossos antecessores, como, notadamente, ressaltar os pioneiros que lutaram, muitas vezes, sacrificando até a própria vida.

Precisamos adquirir a convicção de haveremos escolhido uma profissão cheia de nobreza - certamente a mais bela de todas - que não é somente repleta de espíritos, porém exuberante de beleza, de encantamento e de consolações.

Rogar dizia "ser função de um século trabalhar pelo século seguinte, enfrentando o futuro com o poder infinito do espírito humano, pois que a humanidade marcha, não do desconhecimento para o conhecido, mas do erro para a verdade".

Meus senhores e minhas senhoras, na qualidade de cristão e de católico, além de entusiasta da história da medicina, estamos aguardando, pacientemente, nos sa "expulsória automática", a ser atingida dentro de mais um ano, na UFRN, limitando-nos a um compasso de espera que extrapola com uma sensação de medo: não aquele medo que assola os cobardes, nem aquele medo que sucede ao temor ou aquele outro que antecede o pavor e o terror. É simplesmente aquela sensação preocupante que vem afligindo milhões de brasileiros de algum tempo a esta parte. Não é um medo que envergorha, nem aquele de "quem não deve, não teme", nem aquele outro de "quando vires arder as barbas do vizinho, deita as tuas de molho", nem ainda o de "quem tem inimigos não dorme"... Não, não são esses tipos de medo. Não é, também, ter medo de enlouquecer, medo de brincadeiras de mau-gosto, medo de morrer. A este respeito, merece ser recordado o seguinte episódio, verdadeiramente típico, que nos conta um dos maiores psicólogos do mundo - o saudoso escritor português Mário Gonçalves Viana: "Havia, outrora, em Ferrara, um bobo de nome Gonelle. Era o bobo do Marquês de Ferrara, cujo Marquês sofria de um mal que até ali resistira a todos os tratamentos.

Como tivessem dito a Gonelle que um grande susto curava muitas doenças, mesmo as de caráter febril, o bobo, indo a seu amo, ao passar por uma ponte estreita, deu-lhe um encontrão, e atirou-o ao rio.

O Marquês de Ferrara ficou, efetivamente, bom da sua doença, mas, não obstante isso, resolveu castigar Gonelle, fazendo-o condenar à morte, a fim de o amedrontar, e só para isso.

Quando chegou a hora da simulada execução, mandou vendar os olhos, ao bobo, e determinou que o levassem para junto do cepo.

Em vez, porém, de lhe darem o golpe com o cutelo, limitaram-se a passar-lhe pelo pescoço, um pano molhado.

Uma vez realizado este simulacro de decapitação, os pseudo-executores desvendaram os olhos de Conelle, rindo da partida que julgavam ter-lhe pregado.

Verificaram, porém, com profunda mágoa e assombro que o bobo estava morto. Tinha morrido... de medo!"

Não, não se trata de medo dessa ordem, nem, muito menos de medo das responsabilidades, nem, também, medo do esforço, nem da verdade, nem da mentira, nem de errar, nem do insucesso, nem do ridículo, nem do casamento, aquele medo de que "quem casa não pensa" ou de que "para mal casar, mais vale nunca casar", ou o de que "o homem é fogo e a mulher estopa, vem o diabo e assopra... Nada disso. Não se trata do medo da opinião pública, nem o medo das vinganças, da força bruta, da murmuração, da crítica, do público, das multidões, dos inimigos, das punições, dos criminosos, dos animais, das epidemias, da fome, da guerra, da noite, das tempestades, dos terremotos, das secas, das enchentes, dos eclipses, dos cometas, dos satélites que podem cair sobre nós, do medo do fim do mundo, que dizem estar prestes a chegar... Não é, em absoluto medo da dor, das doenças, do pecado, do demônio, do inferno, do purgatório. Não é nem medo do amor nem ainda medos inconfessados, supersticiosos. Fiquem tranquilos todos os presentes que nos ouvem com tamanha paciência. O medo que nos assola, que nos intranquiliza, que nos faz permanecer em estado de vigília, aflitos, porém revoltados, impassíveis, mas inconformados, é o medo da inflação, da recessão, do custo-de-vida, o que vale dizer, o medo do governo, o medo dos políticos que não tiveram, até hoje, imaginação bastante para solucionar os problemas do povo brasileiro, especialmente desde infelicidade recente.

É esse, meus queridos colegas, meus senhores e minhas senhoras, o medo que nos apoquentá, que vem destruindo nossas últimas reservas de esperança de um futuro melhor! O que faz medo, especialmente a todo o mundo, a todo o Brasil, a todo o Rio Grande do Norte, é essa violência que a incompetência dos nossos dirigentes não quer resolver. São uns verdadeiros representantes do avestruz: escondem a cabeça debaixo da terra para não olharem para a desgraça.

A gente chega a exclamar como Morrie Brickman: "Estou com medo! não sei se o mundo está cheio de espertalhões blefando ou imbecis falando sério". Não! Nós devemos ter medo é da violência. O que não devemos é ter medo de morrer! pois, como diz Peter Ustinov - "A maior parte das pessoas tem medo da morte, porque não aproveita bem a vida". É por isso que já houve quem dissesse que "A vingança que tomamos da morte é saber viver a vida".

E nós, pelo menos, estamos conscientes e certos de que nesses quase 69 anos de vida, aproveitamos, no que foi possível, e dentro de nossas limitações de toda ordem, uma boa vida. Só assim é que conseguimos não passar em branca nuvem, como disse o poeta.

No dia 22 de junho último, quando fomos entrevistados pelo programa MEMÓRIA VIVA da TV Universitária, tivemos oportunidade de, respondendo a uma pergunta do nosso interlocutor Carlos Lira, sobre o que nós pensávamos do hoje, afirmamos que não sofriamos de insônia, costumando entregar a Deus - a Ele que fica permanentemente acordado - a solução de algum problema que por ventura surgisse. Adiantamos que nossa tranquilidade era absoluta. Decorrido tão pouco tempo, hoje não responderíamos mais assim. É que já estamos demorando a pegar no sono... meditando sobre todas as considerações que acabamos de expor.

Daf, neste exato momento, pedimos vênias para uma advertência e para um conselho: é hora de união de pensamento, de estabelecermos uma corrente-pra-frente, no sentido de todos, em geral, e cada um, em particular, agirem, usando os meios possíveis e impossíveis, para superar a maior crise econômico-financeira e social que atingiu, violentamente, nossa classe médica.

E os problemas chegaram a tal ponto que vêm beirando as raiais do absurdo e do intolerável. Estamos não só nos afundando na maior crise de desemprego, como também sendo explorados pelo governo no que tange a vencimentos ou salários.

É verdadeiramente paradoxal e insuportável que um país de tamanha faixa territorial e de população tão imensa, não possua meios materiais para dar emprego a médicos!

Observa-se, a esta altura dos acontecimentos, que em cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro, existem tantos médicos exercendo, para sobreviverem, profissões de somenos importância, como sejam bancários, garçons, balconistas, motoristas de praça e de ônibus e até vendedores ambulantes de "cachorro quente", sem falar nos milhares de contrafeitos, vivendo de míseros empregos burocráticos no serviço público federal, estadual, municipal e autárquico. Quanta vocação perdida! muitos até especialistas, estagiários, residentes, exibindo títulos de mestrado, sem poderem mais esperar por um emprego de médico que nunca chega.

E assim, essas criaturas, que seguiram a mais bela das profissões, vêm feneecer todas suas esperanças, terminando na luta pela vida, em profissões de baixa categoria, só para comerem o pão-de-cada-dia, com certeza o pão que o dia

COMENTÁRIOS DA IMPRENSA

DORIAN JORGE FREIRE

"O Montecarlo" de 23/36 - outubro
1983

Falou está falado

Quando a gente vai envelhecendo (e a gente vai envelhecendo?), passa a falar no passado, lembrá-lo com saudade ou com horror, distinguir nas suas brumas visões e alumbamentos, aquele parece que foi ontem, da memória (deliciosamente) decadente dos velhos.

De Milton Ribeiro Dantas, que desconho ser mossoroense, que tenho certeza ser homem inteligente, lembro nosso último encontro comecinho de 1948, eu sob suspeita de pleurite aguda, estado mais ou menos pre-tuberculoso. Foi enviado por minha Mãe, que terá sido professora do médico ilustre, à sua sabedoria. Ele prescreveu tratamento e foi mais longe, de vontade lá dele, escreveu longa carta à minha Mãe, dizendo tintim por tintim como deveria ser tratado o impaciente.

De lá para cá, nunca mais qualquer conversa com Milton Ribeiro Dantas, que só vejo raramente e de longe, ele nem me distingue na multidão de sua torcida. Professor eminente, acadêmico de letras, reserva moral como Manuel Rodrigues de Melo, Américo de Oliveira Costa. E outros.

Convidaram o homem para falar na Sociedade de Medicina e Cirurgia e, homem, ele falou.

"Será que nós precisamos dizer, aqui, quem são os verdadeiros responsáveis? Pois, meus senhores e minhas senhoras, nós não temos medo de dizer, alto e bom som: são os nossos governantes federais, estaduais e municipais. Foram eles que se acomodaram na corrupção, (o grifo é do beradeiro) que não puniram os vendilhões do templo. Aqui mesmo, em nosso Estado, um congelamento perverso e avaro dos governantes, notadamente de 70 a esta data, (grifos do matuto) vem se constituindo numa verdadeira exploração do médico pelo Estado, quando todos sabem que uns míseros 75 mil cruzei-

ros, fora os descontos, constituem o salário que o Estado paga aos médicos, em alguns casos até com atraso..."

Bisturi na mão, Milton Ribeiro Dantas corta fundo: "Pagar 75 mil cruzeiros mensais a um médico de-põe contra qualquer governo. Isso é o que se chama exploração do homem pelo homem. Isso é o que se chama incompetência pura e simples, especialmente se, em dois períodos de quatro anos, houve governadores e vice-governadores médicos".

Houve? Houve. Tarcísio foi médico e dos bons. Genivaldo Barros, médico. Médico. Lavorisier Maia. É foi sob o tríduo médico deles, que o salário dos médicos foi à iniquidade, ao desrespeito, ao despiante. Sob a complacência (ou conivência) de secretários médicos, correligionários médicos, professores médicos, marajás médicos.

Alguém poderá dizer que fala pela boca de Milton Ribeiro Dantas, o oposicionismo exaltado? A levandade? A fofoca? A inveja? Ninguém, pois o Estado e o povo já fizeram as honras devidas àquele médico, professor e acadêmico. Ele teve e tem o que quis e quer ter. Não aspira a glória que feneca, mas continuar merecendo o respeito que conquistou.

A palavra de Milton Ribeiro Dantas vale, também, como exemplo aos moços, aos adressados, aos adesi-las, aos acomodados, aos conventos. Milton Ribeiro Dantas não quer nada pessoalmente, não reivindica, não tem interesse em jogo não joga. Fala, protesta, porque o seu dever de falar e protestar lhe surgiu natural. E fala em nome dos que calam com medo, os olhos de boto na expectativa de sobras da mesa do poder.

Sim, ia esquecendo. Milton Ribeiro Dantas nunca foi esquerda autêntica ou festiva e escocês. Se não me engano, foi arte UDN nas eras de 40, correligionários, ele e doutor Tarcísio. Se não me engano.

DORIAN JORGE FREIRE

Os médicos

Talvez porque lá em casa nunca faltou médicos, tão doentes foram sempre os meus Pais, que agora gozam de perfeita saúde junto a Nosso Senhor, pelos médicos em geral sempre tive mais do que admiração e mais do que estima. Tive temor reverencial.

Eu os temia e os queria. Queria-os lá em casa, socorrendo os meus doentes, em tudo e por tudo pacientes. Temia-os pela iminência de um diagnóstico que me levasse ao desespero, à infelicidade absoluta, total.

Em 1940, em torno do leite de minha Mãe gravemente enferma, todos desfilaram e fizeram desfilir sua ciência acrescida de sua solidariedade humana. Quarta Filho (o escrúpulo doutor Chico), João Marcelino, meu tio Doutor Soares, Júlio César Gurgel. Quem trouxe a salvação, abaixo de Deus, foi doutor Neófito Gurgel, que não vejo desde 1940 e por quem tenho admiração e estima infinitas.

Mais tarde, a tuberculose irremediável de Jorge Freire. Outra vez Duarte, João Marcelino, Júlio César Gurgel, Antônio Luz, Doutor Soares, se não me engano, Tarcísio Mala.

Em 1948, o doente era eu: Milton Ribeiro Dantas, Júlio César, Duarte, talvez Tarcísio, João Marcelino, Codes e Sandoval.

Enfartado em 75 e tromboso (vá o neologismo) em 78, Raimundo Fernandes Júnior, Paiva Lopes, Helen Costa, João Davi, Bernardo Miranda Rosado. Cada qual mais eficiente, mais competente, mais generoso com o coração doente e os trombos desembastados do (im) paciente.

Mais recentemente, meus netos. E doença de neto meu tem para mim mais importância do que a II Guerra Mundial, Holocausto dos Judeus, ameaça de extermínio atômico, estriamento ou

esquentamento do globo terrestre. E a salvação veio com a ciência unida à humanidade da médica Rosalba Clarini Rosado.

Bem, o que tem o cós com a calça? Tem, porque este hipocondríaco quer dizer que está em estado de euforia por saber que entre os seus leitores natalenses estão os mestres Milton Ribeiro Dantas e Cívio Travassos Sarinho. Tenho aqui, nos meus arquivos, que não são implacáveis mas amoráveis, cartas dos dois. Cartas típicas dos dois.

Milton um liberal agastado com tanta mediocridade. Sarinho um ideológico incapaz de conviver com ruindades calmas ou aloprados. Os dois, homens de bem. Modelos. Honra e glória de sua profissão. Os dois, invendáveis. Incorrigivelmente honrados, amigos da assepsia. Os dois de lenços nas ventas ilustres, que não podem suportar o bodum das cocheiras.

Mestre Milton Ribeiro Dantas na defesa de sua classe ofendida e humilhada. Mestre Sarinho no apoio entusiástico a Milton, apoio precioso porque muito bem de mestre.

E eu, muito ancho, porque de tudo sobrou para mim as cartas dos dois e, quem sabe? a amizade dos dois, importantíssima para quem, como eu, vive sucado no cantô do mundo.

Vou procurar melhorar para ser digno de leitores tão qualificados e rogar de joelhos sobre o chão batido pela estiagem, rogar ao revisor de meus Dia de Domingo, não deformem uma produção que já sai tão ruinzinha da fábrica, tornando-a ilegível, incompreensível. Risível, diria o meu amigo Odilon Ribeiro Coutinho, que ainda não saiu da moita.

Milton e Sarinho. É esmola grande demais para este mendigo... ingrato!

DORIAN JORGE FREIRE

Algaravia

Há escândalos na administração do Estado? O **Diário de Natal** diz que sim. Esta brava **Tribuna do Norte** confirma. Jogo de salários altos, viva o Idec, nomeações, a Caern cobra contas extorsivas, a Cosern está ruim, a Telern tem telefonemas fantasmas. E o Bandern? O Bandern é uma graça. Em Brasília confessa a sua quase insolvência mas empresta dinheiro ao Paraguai e ao Brasil. Pode? Pode. O que não pode no Rio Grande do Norte? do Norte? Se pôde um médico ganhar 75 mil cruzeiros por mês, segundo a denúncia do insuspeitíssimo mestre Milton Ribeiro Dantas, o que é que não pode?

NATAL, QUINTA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1983

DORIAN JORGE FREIRE

Anotações

Publiquei aqui, dia 25, meu "Falou está falado" sobre pronunciamento corajoso e inteligente do professor Milton Ribeiro Dantas, mossoroense ilustre, e no mesmo dia, coincidência agradável, recebi com generoso oferecimento aquela fala brava, além de uma carta fabulosa. Na carta, o mestre da Universidade Federal do Rio Grande do Norte me expressa "minha maior simpatia, mas sobretudo minha solidariedade irrestrita pelas torpes perseguições de que você foi e vem sendo vítima desses componentes do poder dominante do nosso querido Estado. Como mossoroense, sinto-me na obrigação moral de tomar essa atitude". Como se achasse pouco o seu muito, no oferecimento de seu discurso, me chama de "o maior jornalista norte-riograndense". C'est la gloire. Diante de manifestação assim tão calorosa, imagino como fica "a cólera que espuma"...

